

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ESTRATÉGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA PELA POÉTICA DA NEGRITUDE

CLAUDIO JOSE BERTAZZO, MYCHELLE PRISCILA DE MELO

Boletim Gaúcho de Geografia, v. 42, n.1: 137-157, jan., 2015.

Versão online disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/48972/32939>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan., 2015.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ESTRATÉGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA PELA POÉTICA DA NEGRITUDE

CLAUDIO JOSE BERTAZZO¹

MYCHELLE PRISCILA DE MELO²

RESUMO

Propusemos construir uma estratégia para ensinar Geografia em que estivessem articulados Literatura Infantil e Negritude, isto de tal maneira que gerassem conteúdos geográficos para utilização em sala de aula para alunos da primeira etapa do ensino fundamental. Dentre os objetivos que nos moveram, citamos primeiramente, o de tornar o estudo da Geografia mais prazeroso, através de propostas didáticas que ressaltassem a presença e a igualdade dos negros na nossa sociedade, e, por segundo, poder enfrentar as questões dos preconceitos étnicos na escola e na sociedade, a partir do ensino de Geografia desde uma obra de literatura infantil. Para realizar nossos propósitos escolhemos a obra literária Valentina (VASSALLO, 2007). Esta obra, dedicada ao público infantil, nos municiou dos elementos necessários para fazer a transposição dos textos poéticos para os conteúdos geográficos. O principal resultado que obtivemos foi a construção de fluxogramas para ensinar conceitos e temas geográficos a partir das poéticas da obra literária escolhida, além de conseguirmos amadurecer as idéias relacionadas à articulação Geografia – Literatura – Negritude. Deste resultado, animamo-nos a continuar a enfrentar a questão da igualdade racial e da invisibilidade do negro na sociedade.

Palavras-chave: Geografia; Literatura Infantil; Igualdade étnica; Poética.

INTRODUÇÃO

Desenvolvemos nossa proposta didática procurando estabelecer uma relação entre o ensino de Geografia, a Literatura Infantil e a Negritude. Negritude é entendida no *corpus* deste trabalho como a valorização da essência, da cultura e do modo de ser dos afrodescendentes, inclusive com um ato de resistência e de oposição ao racismo (ANDRÉ, 2007). Ao observarmos e analisarmos os títulos da literatura que traziam personagens afrodescendentes e negras disponibilizados pelas editoras que atuam no Brasil, nos demos conta da forma preconceituosa como o tema é tratado pelos autores, em geral brancos. Igualmente, ao nos debruçarmos sobre os livros didáticos de Geografia, deparamo-nos com a invisibilidade dos negros. As referências que existem são sempre degradantes e atropelam

1 Bacharel, Licenciado e Mestre em Geografia - UFRGS; Doutor em Geografia UNESP Presidente Prudente. E-mail: cbertazzo@gmail.com.

2 Licenciada em Geografia - UFG Regional Catalão. E-mail: mypriscila@yahoo.com.br.

os sentidos da igualdade racial. Em geral estão presentes para retratar a pobreza, escravidão, submissão, subserviência, fome e etc. Porém, há uma emergência de pesquisas³ e edição de obras com perspectivas ao empoderamento dos povos negros. Estas questões nos moveram a empreender o caminho que foi sendo trilhado e que agora dissertamos.

A Negritude é um tema importante no escopo da ciência geográfica, contudo nem sempre em evidência. Temos, no Brasil, o caso do geógrafo Milton Santos, que tratou dos temas da segregação urbana e dos lugares de negros na cidade e na sociedade. Suas reflexões, via de regra, foram resultantes de sua própria experiência enquanto homem negro, pois considerava que toda a relação se dava pela própria forma e aparência do indivíduo negro, que ele veio a designar de corporeidade (SANTOS, 1996/1997). Sem dúvidas, também escreveu/discursou sobre negritude, afirmando não ser sua especialidade, mas resultado de sua convivência enquanto sujeito. Admitindo, sobretudo, que sofreu humilhações e preconceitos pelo simples fato de possuir um corpo negro; e que, por isso mesmo possuía uma cidadania mutilada (SANTOS, 1996/1997), não era um cidadão integral pela simples razão de ser um homem negro; motivo pelo qual, num artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo, desabafa:

ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo. Essa ambiguidade marca a convivência cotidiana, influi sobre o debate acadêmico e o discurso individualmente repetido é, também, utilizado por governos, partidos e instituições. (SANTOS, 2000 – Jornal Folha de São Paulo – Caderno Mais, 07 maio.)

Como se pode ver, o problema do negro na sociedade brasileira é uma questão aberta e justifica a eleição do tema negritude para propor iniciativas didáticas na educação básica com a finalidade de contribuir com a causa e poder desconstruir preconceitos e racismos.

Resta ainda esclarecer os motivos pelos quais usamos a expressão *poética da negritude* no título do trabalho. Sabe-se que poética compreende o campo de estudos de obras literárias. Contudo, não foi exatamente um estudo literário que procedemos nesta pesquisa, apenas procuramos na literatura infantil com temática na negritude uma forma de dialogar e propor estudos e conteúdos para aulas de Geografia partindo de uma obra que nos possibilitasse conceber estratégias de enfrentamento das questões etno-raciais, que aumentasse nos discentes da educação básica o gosto pela leitura de temas de negritude; que, sobretudo, e estivesse prenhe de conteúdos espaciais possíveis de fazer uma transposição didática inovadora. Enfim procuramos dar uma ressignificação às expressões poéticas do autor, aplicando-lhe significados e conotações geográficas. Por outras palavras,

3 Marcel Diego Tonini, por exemplo, escreveu uma dissertação em 2010, sobre negros jogadores de futebol no Brasil; defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

partimos para a atribuição de novos significados, especificamente, geográficos aos escritos do autor da obra selecionada para este estudo. Estas, portanto, foram as motivações que nos levaram a incorporar a poética ao título de nosso trabalho.

A orientação desta pesquisa que propõe estratégias de ensino de conteúdos geográficos foi a de cooperar com uma *agenda afirmativa* das questões dos afro-descendentes brasileiros nos anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF). Ou seja, percorremos a meta de ressaltar a presença dos negros brasileiros através das personagens literárias e, a partir de suas histórias, inserir temas geográficos, estabelecendo uma tessitura entre personagens negros, narrativa literária e conceitos geográficos. Buscamos desenhar e planejar situações de aprendizagem usando as falas de personagens negros da obra literária infantil Valentina (VASSALLO, 2007), para inserir conteúdos geográficos, no intuito de tornar a aprendizagem da Geografia mais prazerosa, ao mesmo tempo em que colocávamos a negritude em lugar primaz, problematizando e complexificando o tema.

A metodologia usada para alcançar nossos objetivos apoiou-se no tripé: Negritude, Literatura Infantil e Geografia. A partir da definição destes elementos iniciamos a leitura e análise da literatura que nos estava disponível no momento. Examinamos, ainda, obras sobre o ensino de Geografia, sobre alternativas de ensino e aprendizagem para posteriormente começarmos a fazer a articulação entre o ensino da Geografia e as questão fulcral da pesquisa: a negritude. Isto posto, passamos a buscar nossos resultados em autores, como por exemplo: D'Almeida (2000), Lima (1998), Machado (1994), Mandela (2009) e Pinto (2008). De todas as obras lidas, escolhemos trabalhar com Valentina (VASSALLO, 2007), porque nesta peça literária havia uma posição afirmativa da negritude. Nela o preconceito e as segregações étnico-racial e social estavam sendo enfrentados com expressões românticas, graves e profundas encorajando qualquer leitor negro a tomar orgulho de sua cor e a pensar em seu lugar enquanto lar, não importando onde estivesse localizado. Desde esta obra, centramos nossas ações e preparamos nossas abordagens para estudar Geografia a partir das falas da princesa protagonista. E, há de se considerar instigante e estimulador, o fato de o autor da obra Valentina, Márcio Vassallo, ser um homem branco, nascido no Rio de Janeiro.

Durante a avaliação que procedemos, percebemos que as obras da Literatura Infantil brasileira mais utilizada pelas escolas, e presentes nas bibliotecas escolares, estão carregadas da supremacia das personagens brancas; quando os personagens negros surgem, estão sempre estereotipados como seres inferiorizados e em condições socioeconômicas de miserabilidade e sob vulnerabilidade do marco legal.

Sendo esta a condição posta, elegemos Valentina (VASSALLO, 2007) para estabelecer as relações entre Geografia, Literatura e Negritude e, através do cotidiano das personagens negras, criamos propostas metodológicas de ensino prospectivas à igualdade racial, permeadas pelo desvendamento de conteúdos geográficos.

HÁ GEOGRAFIA EM VALENTINA

Valentina, personagem criada por Márcio Vassallo, é uma princesa negra que habita um castelo, vizinho de outros castelos, numa favela de um dos morros do Rio de Janeiro. Ela mora com os pais, que a consideram uma princesa, aos quais ela os tem como rei e rainha do castelo em que vive. Seus pais trabalham fora para garantir o sustento da casa e a princesa não entende o motivo de tal necessidade, uma vez que ocupando este papel majestoso, era incompreensível para ela essa ausência do castelo e a necessidade de *ganhar a vida*.

Os fenômenos naturais como o pôr-do-sol, o horário comercial, o subir e descer do morro, são trabalhados poeticamente pelo autor, que conduz o leitor diante destes processos comuns da vida para uma plataforma elevada de contemplação desde os olhos, coração e mente de Valentina. Esta vive em um ambiente sublimado, em companhia de sua tia muito magra, às vezes filosofa sobre como pobreza, riqueza, moda, etc.

Valentina é vestida pelo autor com roupas descoladas, usa tênis cano alto e enfeites feito com plástico, usa óculos grandes e redondos, e como toda princesa tem uma sua coroa, contudo a de Valentina é feita de jornal. Valentina orgulha-se de ser o que é e não gosta das roupas que usam as princesas da cidade, diz que todas se parecem e que usam roupas iguais. Seus costumes e pensamentos encarnam uma idealização do mundo da favela em que o amor familiar é o mesmo que há (há?) em todos os lugares. No castelo de Valentina o amor da família é a base da felicidade. E, por isso, mesmo Valentina não aceita a ausência dos pais para irem trabalhar na cidade, para ao fim fazer de Valentina um alguém na vida. Ela nega-se a aceitar isto, pois já é alguém. Valentina já é, não vira a ser...

De um modo prático e romântico, Vassallo e Valentina questionam as relações de trabalho como fator de separação das crianças dos seus pais. Porém é preciso trabalhar para se reproduzir socialmente. Valentina parece preferir um mundo sem trabalho e sem sofrimentos, onde as pessoas não são sentenciadas pela cor da pele que possuem. Prefere entender que a violência e os barulhos das armas dos que tem poder, são comemorações de eventos cheiros de alegria. Assim até as frestas que tem em sua casa, aquelas que foram feiras pelos tiros das armas dos poderosos, se tornam ambientações em cujas frestas e vazios (buracos) pode-se contemplar lua e estrelas.

Está é a Valentina de Vassallo, que a insere em uma sociedade preconceituosa, discriminante e segregadora, mas que emerge dos sonhos e fantasias para reivindicar a presença e a incorporação dos negros na sociedade brasileira. Enfim, a Valentina negra e pobre, moradora da favela esta resolvida, vive bem consigo mesma e não se torna complexada ao se relacionar com o mundo fora do seu castelo.

Feito este breve relato da Obra, prosseguimos com as análises do texto e as frestas que encontramos nas palavras do autor para fazer a transposição didática e prepara algumas aulas para alunos do ensino fundamental I.

Logo no primeiro parágrafo da obra já nos deparamos com algumas expressões literárias e poéticas, que podem ser direcionadas à inserção e estudos de

temas geográficos. Esta mescla ente Literatura e Geografia e entre Geografia e Literatura, contribui para a construção de uma metodologia para o ensino de Geografia através de abordagens pouco usuais no Ensino Fundamental.

Mas, exatamente, do que estamos falando? Vamos exemplificar: quando o autor expressa frases como: “[...] na beira do longe [...]” e “[...] depois do bem alto [...]” (p. 4), abrem-nos *janelas* para podermos trabalhar com as crianças os conceitos de altitude, longitude, latitude (categorias chamadas de coordenadas geográficas) e as escalas, para que o aluno comece a ter contato com as distâncias, a fim de ter noção do que é *perto*, *longe* e *alto*. E, embora sejam conceitos produzidos pela Ciência, estes também são percepções de cada sujeito a partir da experiência da corporeidade e da descentração de si mesmo aos ter contato com os objetos e lugares.

Sensações como a observação, a percepção, a análise conceitual e a síntese através das representações cartográficas, por exemplo, possibilitam pensar significativamente o espaço geográfico vivido.

As frases “[...] passavam o dia todo fora de casa.” e “[...] precisavam trabalhar [...]” (p. 4), também no primeiro parágrafo, expressam a condição social dos pais de Valentina: eles eram obrigados a trabalhar em tempo integral para sobreviver.

Esta situação da personagem possibilita-nos contextualizar a realidade dos alunos. Nossa proposta é a de debater com os alunos sobre as questões do trabalho assalariado, como é a vida na pobreza, a importância do convívio familiar, a educação dos pais e as consequências na formação do caráter de uma criança quando seus pais são ausentes.

Também é possível aprofundar o tema do trabalho assalariado explicando a hierarquização a que estão submetidos os proletários, seus salários, os fatores de produção, a dominação da classe média e alta sobre a classe mais inferior da pirâmide social, o lucro, enfim, temas associados à dominação branca, rica, sobre os indivíduos negros e pobres, economicamente falando.

A hierarquia social revelada na obra remete-nos ao modo de vida que as empregadas domésticas, os motoristas, as cabeleireiras e manicures, as babás, os pedreiros, pintores e serventes, as cozinheiras e etc. são submetidos. Por serem trabalhadores em uma sociedade branca, racista, não são valorizados, simplesmente porque a grande parte dos indivíduos inseridos nestas condições de trabalho são negros e pobres. Ou pobres e negros.

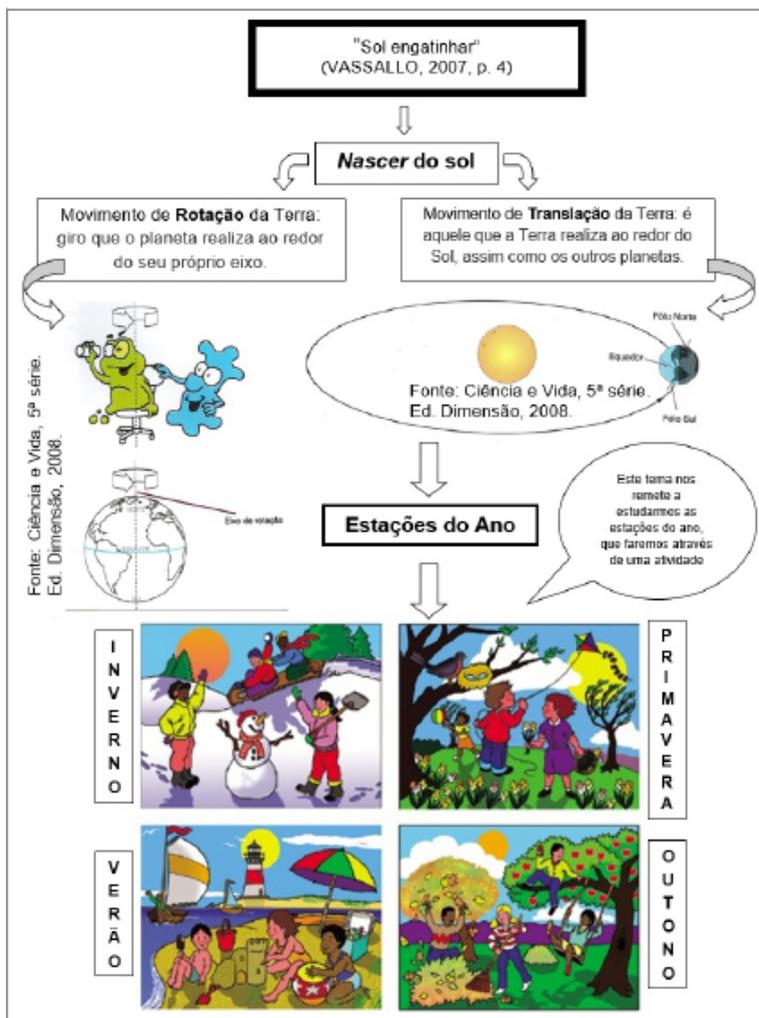
A indagação da princesa Valentina acerca dos motivos pelos quais “[...] os pais dela tinham que sair antes de o sol engatinhar [...]” (p. 4), refere-se a uma forma poética do que conhecemos como o *nascer* do sol. Deste simples termo, podemos extrair uma metodologia bastante complexa de saberes geográficos.

TRANSPosição DA OBRA PARA CONTEÚDOS DE SALA DE AULA

O fluxograma a seguir é um esquema metodológico que desenvolvemos para inserir conteúdos geográficos a partir da obra Valentina (VASSALLO, 2007). É, todavia, um singelo exemplo das inúmeras possibilidades de conceitos e conteúdos geográficos que podem ser trabalhados com a classe:

Fluxograma 1 – Os Movimentos da Terra e as Estações do Ano

Figura 2 – As estações do ano



Fonte: Organizado por MELO, M. P., 2013.

Fonte: MARTINS, R. Disponível em: <http://educacaodeinfancia.com/as-estacoes-do-ano/>. Acesso em 19jul. 2013.

Com essa proposta metodológica, os temas geográficos vão interagindo entre si e com a Literatura, formando uma teia, aonde inúmeros outros temas vão se encaixando e complementando ao longo do desenvolvimento dos saberes.

Prosseguindo com a leitura da obra, os termos “[...] descer [...]” e “[...] subir [...]” (p. 4), aparecem na obra Valentina (VASSALLO, 2007) como representação da rotina vivida pelos pais da princesa e o local em que estão inseridos: a favela.

No contexto da obra literária, encontramos a música *Favela*, do grupo *Exaltasamba*, que também enfatiza de forma poética o cotidiano de quem vive no morro, uma exemplar forma de intertextualidade e interdisciplinaridade; observemos excertos da letra da canção:

<p>Favela (Exaltasamba)</p> <p>Pras favelas de tudo quanto é canto do Brasil Política na noite, misteriosa na calada Sorri durante o dia e chora a madrugada Seu coração que nem mulher apaixonada Acolhe sem olhar a quem é quem na caminhada</p> <p>[...]</p> <p>Só quem te conhece por dentro pode te entender (vamo acordar, vamo acordar) O povo que sobe a ladeira ajuda a fazer mutirão Divide a sobra da feira e reparte o pão, reparte o pão Como é que essa gente tão boa é vista como marginal Eu acho que sociedade está enxergando mal</p>	<p>Minha favela Favela ô Favela que me viu nascer Eu abro meu peito e canto amor por você (faz parte dela) Favela ô Favela que me viu nascer Só quem te conhece por dentro pode te entender (é bela mas é fera)Entendo esse mundo complexo Favela é minha raiz Sem rumo, sem tino, sem nexo e ainda feliz</p> <p>[...]</p> <p>Na favela a humildade fez sua morada Na favela só quem é anda de madrugada Na favela pra viver tem que ter proceder Pra nos becos e vielas você não morrer Tem que ser bola de meia ficar na moral Pois guerreiro valente sempre passa mal Não pode se envolver nem caguetar o vapor Salve o povo das favelas os batalhador, moro?[...]</p>
--	---

Fonte: Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/exalta-samba/favela.html>. Acesso em 30 jul. 2013.

A poesia insere o tema da moradia periférica e do preconceito tão comum com os moradores das favelas. No entanto, para os poetas, a favela não é periferia: é o lugar, um caso de amor, onde se estabelece um lar. Na paisagem urbana a Favela pode ser classificada como uma área de segregação social, por aqueles que não vivem lá. Mas para aqueles que estão na favela, ali está o umbigo dos seus mundos, cheio de tudo, lutas, amores, misérias e felicidades. Esta é a favela para quem olha para a cidade desde lá, é um lar! É um mundo com um *timing* diferente da cidade, por isso requer competências outras que não se demandam na cidade.

Por isso as gentes das favelas se sentem forte e se inserem no modo de viver da cidade com seus próprios estilos, músicas, modas, etc.

Outra abordagem que se encaixa perfeitamente em sala, a partir dos termos literários que dizem respeito à estrutura dos complexos periféricos, é o estudo do relevo brasileiro, sua classificação, as influências no clima, a geografia física - montanhas, escarpas, falhas, dobras, depressões, planícies e planaltos, pontos culminantes do Brasil, erosão, dentre outros.

Desenvolvemos a proposta a seguir, contida no fluxograma 2, para trabalhar o conceito de relevo, suas representações, os modos de desenhar no mapa as formas da terra, a representação das altimetrias, os sistemas de curvas de nível, contudo sempre observando as linguagens dos interlocutores, os sujeitos da educação, nossos alunos:

Os núcleos de habitações, como podemos ver na Foto 1, são rústicos e improvisados em áreas urbanas e suburbanas, irregularmente em terrenos invadidos, em encostas vegetadas e degradadas, exemplificadas pelas Fotos 2 e 3, respectivamente, sem infra-estrutura, higiene, transporte adequado, áreas de lazer, enfim, condições mínimas para a sobrevivência dos moradores. Mas como observamos na música Favela, do grupo Exaltasamba, é um lugar de acolhida, de solidariedade e onde se tem ajuda mútua (mutirões). Se esta é uma visão romântica, ou não da Favela, é, contudo, a percepção daqueles que tem na Favela o seu lar. Daqueles que, na Favela, construíram e foram construídos pelo Lugar! O seu lugar

Já na Figura 4, percebemos a poetização das casas, pequenos castelos, bem coloridos, em evidência, e abaixo deles a cidade do Rio de Janeiro, em preto e branco, como num segundo plano.

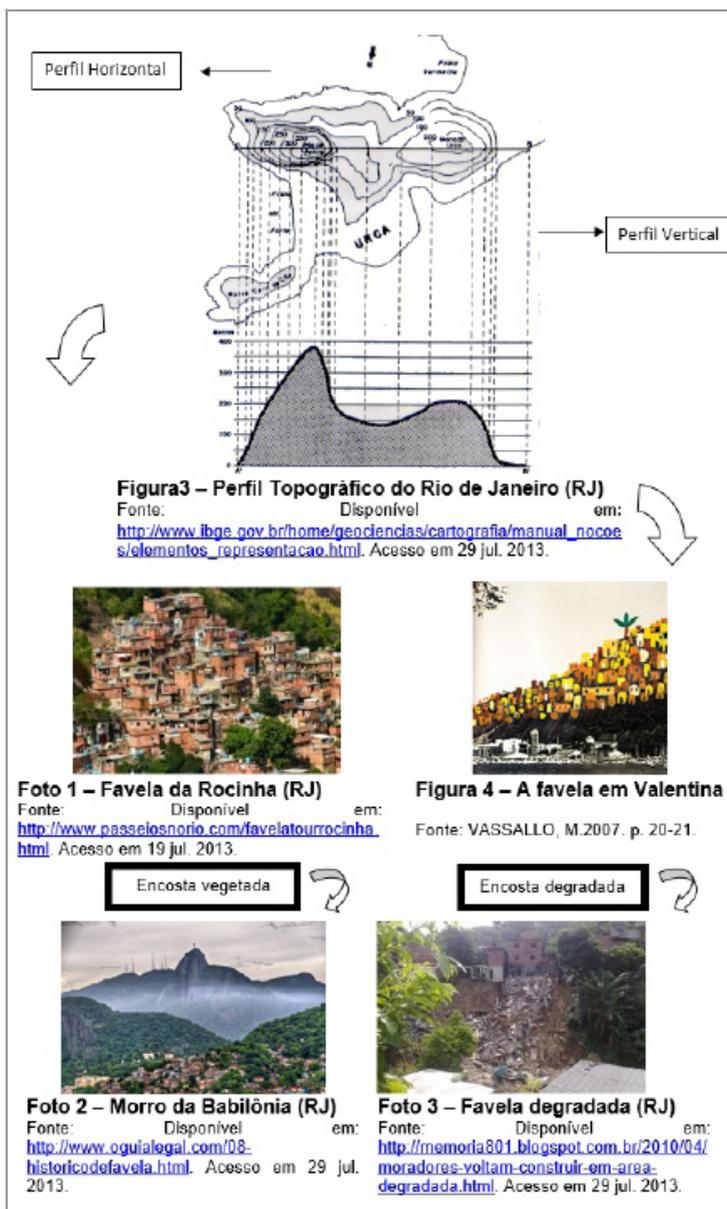
Morar próximo a uma encosta pode indicar uma ameaça física para o homem e/ou para o meio ambiente. Os riscos existentes podem estar relacionados a causas naturais, quando resultam de eventos espontâneos da natureza, ou induzidos quando decorrem da intervenção humana.

Em decorrência destes problemas, alguns outros temas também podem ser levados para a sala de aula a fim de demonstrar aos alunos o que vêm a ser os principais processos naturais de desestabilização de encostas, como erosões, rasos, escorregamentos, tombamentos e fluxos de solo (solifluxão).

Entre as medidas mais comuns para a desestabilização das encostas estão: retirada de vegetação, movimentação de terra, alteração da drenagem natural, introdução de novas fontes de água (fossas negras, vazamentos etc.) e depósito de lixo em locais inapropriados.

No entanto, como ao morador da favela, não lhe sobrou senão aquele quinhão de terra desprezado pelos que tem condições de escolha, não é uma boa *política* ficar denegrindo seu território, afinal está paisagem se torna querida, cantada, exaltada e capaz de gerar um elo de pertencimento que pode levar o morador a defender a Favela com todas as suas forças. E isto mesmo, aos moradores lhes faculta desenvolver uma identidade e uma ligação com fortes laços de pertencimento que os faz orgulhosos de seu lugar!

Fluxograma 2 – O sobe e desce da superfície terrestre.



Ao analisarmos a organização destes assentamentos precários, podemos refletir também sobre as condições do transporte nos morros, além da preocupação com a sentença diária desse *sobe* e *desce*, o conglomerado confuso das moradias e a falta de assistência do poder público para com essa classe. Vejamos a seguir como está estruturado o *sobe* e *desce* em locais periféricos e em locais privilegiados:

Quadro 1 – Transporte para áreas periféricas e de primeiro mundo

O *sobe* e *desce* de pobres



Foto 4 – Escadaria na Travessa Laurinda, Morro do Alemão (RJ)
 Fonte: Disponível em: <http://www.passeiosnonio.com/favelatourrocinha.html>. Acesso em 19 jul. 2013.



Foto 5 – Escadaria em Pedra do Sal, Morro da Conceição (RJ)
 Fonte: Disponível em: <http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com.br/2009/10/magia-das-escadarias.html>. Acesso em 19 jul. 2013.

X

O *sobe* e *desce* de ricos



Foto 6 – Funicular em Monte Serrat, Santos (SP)
 Fonte: Disponível em: <http://www.gracinha.g12.br/blog/?paged=16>. Acesso em 19 jul. 2013.

Valentina (VASSALLO, 2007) retrata bem as escadarias, como podemos ver nas fotos 4 e 5, quando a expressão “[...] o castelo onde ela morava tinha torre com escada enluarada [...]” (p. 12) é mencionada, reforçando a idéia de que era possível enxergar a lua das escadas que passavam por sua casa.

O esforço que é exigido de muitos para subir as escadarias de uma favela, remete-nos à realidade contraditória entre classe média a alta e classe baixa, sen-

do que nos grandes centros urbanos os moradores tem acesso à todos os meios de transporte em que tenham condições financeira para isso.

Já nas periferias, os meios de transporte são reduzidos, pois dependendo do ponto a que se quer chegar, não há nenhuma disponibilidade de transporte para tal. E o que impede que os governos propiciem meios de transporte adequados como os funiculares (Foto 6), por exemplo, para subir os morros?

Isto facilitaria sobremaneira a vida para pessoas menos favorecidas economicamente. Elas ganhariam qualidade de vida e não desprenderiam todo o esforço de energia para subir ladeiras e escadarias dos morros onde moram.

A correria do rei e da rainha, para Valentina, não fazia nenhum sentido, e quando eles explicavam para ela que todo esse esforço era para ela um dia “[...] ser alguém na vida [...]” (p. 7), a princesa fica ainda mais intrigada, afinal ela já não era alguém? O que significa ser alguém na vida? Isto é um bom tema para problematizar com a classe. Aliás, é uma oportunidade única, porque o material didático é precário de valores, ética, afetividade, etc.

Nesse contexto, recorremos aos conceitos de construção da identidade de uma criança negra, em uma favela, desprovida de bens materiais, de vida social digna, do convívio com os pais, em meio à uma sociedade puramente branca.

A identidade pode ser definida como sendo a consciência que um indivíduo tem de pertencer a um determinado grupo social. Valentina encontra em si sua identidade racial e não se envergonha das suas origens; percebe-se como membro de um grupo racial específico dentro de um contexto de exclusão.

Com a intenção de desconstruir uma imagem depreciativa do negro, Valentina considera o centro urbano, definido por “[...] lá embaixo [...]” (p. 7), como sendo um lugar em que todos são iguais, brancos, vestindo e usando tendências sem considerar o que as suas próprias vontades permitem desfrutar.

Na obra, a moradia da princesa está no alto de um morro, na periferia, “[...] ali [...]” (p. 10), porém é vista por ela como um castelo; e os pais dela, afetivamente considerados como rei e rainha, são vistos como pessoas privilegiadas, magnificamente importantes, e por esse mesmo motivo já se sente “[...] alguém na vida [...]” (p. 7) por pertencer a essa família.

Esta forma afetiva do lugar é um elo importante para inserir conceitos espaciais para os alunos do ensino fundamental. Estabelecer diretrizes para que o aluno comece a desenvolver seu senso crítico a partir de um simples desenho da rua onde ele mora, é essencial para a compreensão da dinâmica de toda a superfície terrestre.

Outro tema que também está presente na obra é a fome - subnutrição da classe pobre *versus* obesidade da classe média a alta. Quando a obra mostra-nos que quem toma conta de Valentina é a tia “[...] uma donzela de costela aparecida [...]” (p. 8), isso remete-nos à uma pessoa magra, cuja origem esteja nas dificuldades que os hipossuficientes, por serem mal remunerados, enfrentam para saciar a fome e alimentar-se com segurança. Que na verdade, raramente acontece.



Figura 5 – Os pais de Valentina

Fonte: VASSALLO, M. 2007. p. 6.



Foto 7 – Retrato da fome

Fonte: Disponível em:
<http://www.brejaseprosas.blogspot.com.br/>.
Acesso em 19 jul. 2013.

A fome é decorrente de pessoas que ficam desempregadas, ou que tiveram seus salários reduzidos, contribuindo assim para situações precárias e agravamento da falta de condições para alimentar-se com suficiência.

Da mesma maneira que os pais da princesa precisavam trabalhar, e ela ficava aos cuidados da tia “[...] com voz de buzina [...]” (p. 8), na nossa realidade atual acontece o mesmo, sendo que os pais, pobres, deixam suas crianças com avós, tios, irmãos, amigos, até mesmo vizinhos, para conseguirem trabalhar fora de casa e manter o sustento de toda a família.

A produção para o mercado externo vem crescendo cada vez mais enquanto a diversidade da produção de alimentos dirigida ao mercado interno tem diminuído, sendo de importância secundária. Paralelamente a isso, milhões de pessoas vivem em favelas, assim como a Valentina, na periferia das grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, entre outras. As migrações internas são problemas gerados dentro do território nacional, pois as pessoas deslocam-se em busca de oportunidades e de superação da situação de miserabilidade.

Nos grandes centros, essas pessoas vão exercer funções mal remuneradas, inclusive em empregos informais. Quase toda a família trabalha, em alguns casos inclusive as crianças, frequentemente durante o dia inteiro, e alimentam-se mal, raramente ingerindo o suficiente para repor as energias gastasdesprendidas. Neste círculo vicioso, cada vez mais famílias se aglomeram nas cidades, sendo vítimas da privação/subministração de alimentos, a maléfica subnutrição, também chamada de fome oculta, caracterizada quando os sujeitos comem apenas alimentos energéticos e não ingerem proteínas e vitaminas.

Mesmo a tia de Valentina parecendo ser uma pessoa chata, magra, sofrida, reclamona e que gosta de gritar, o amor que ela tem pela princesa parece ser extremamente importante para a definição do caráter da princesa. É um sentimento valioso, de quem cuida dela e de quem não tem palavras para expressar o quanto sua beleza é expressiva, mesmo em um país onde o padrão de beleza negra não é valorizado.

As características físicas descritas na obra, ainda podem revelar traços importantes de uma criança que sabe superar obstáculos que vão surgindo ao longo da vida. Valentina “[...] tinha orelha de abano para escutar cochicho de nuvem e perna comprida para pular pensamento [...]” (p. 8), e essas duas expressões aparecem como um exemplo de superação num mundo racialmente dividido.

Crianças com orelha de *abano* sofrem *bullying* nas escolas e carregam consigo um sentimento de rejeição, assim como as pernas compridas aparentemente muito magras, que também é motivo de chacota por outros colegas.

Cristina Klein (2011) escreveu uma obra intitulada *Bullying* na escola – chacota das orelhas de abano, que retrata a estória de um aluno chamado Bruno que tinha orelhas de abano. Ele sofria muito com os apelidos que os colegas lhe impunham, até que sua mãe, juntamente com a escola, uniu forças e venceu o preconceito.

É uma proposta muito interessante, assim como as outras obras escritas por esta autora, como partes da coleção que trabalha sobre os diversos tipos de *bullying* na escola.

Klein (2011) aborda em sua coleção, temas como o preconceito racial, a agressão física e verbal, o preconceito religioso, roubo de materiais escolares, preconceito físico, regional, combate à dengue, maledicência e fofocas, dentre vários

outros livros que a autora escreveu para as crianças vencerem seus obstáculos, aprendendo valores e superando preconceitos.

Na obra *Valentina*, de Márcio VASSALLO (2007), essas características são poeticamente descritas justamente para reafirmar o que a sociedade critica e rejeita. As orelhas de *abano* são, na verdade, um privilégio para quem as tem, pois serve apenas para ouvir coisas boas e as pernas compridas para pular obstáculos, superar problemas e vencer preconceitos⁴.

Vejamos nas fotos a seguir dois exemplos reais de superação:



Foto 8 – Bolt, recordista em maratonas

Fonte: Disponível em:

<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&biw=1152&bih=667&q=bolt%20recordista%20negro%20em%20maratonas&um=1&ie=UTF-8&tbn=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=6dP3UcLxE8bbqwG-y4HQcW>. Acesso em 25 jul. 2013.



Foto 9 - Pelé, o melhor do futebol

Fonte: Disponível em:

http://veja.abril.com.br/100500/p_122.html. Acesso em 25 jul. 2013.

Nas fotos 8 e 9 vemos dois importantes atletas: Usain Bolt e Edson Arantes do Nascimento (Pelé). Eles são grandes recordistas que superaram seus limites

4 A estrutura óssea do negro, tratando-se braços e pernas é maior que a do indivíduo branco. Por esse motivo, a maioria dos recordes mundiais em esportes populares é negra. Conforme reportagem da Revista VEJA, de 10 mai. 2000, livro americano é lançado para explicar a supremacia dos africanos nos esportes e o que a genética tem de especial nessa influência. Disponível em: http://veja.abril.com.br/100500/p_122.html. Acesso em 25 jul. 2013.

nos esportes e tornaram a sua estrutura óssea um motivo de orgulho para os países que representam.

Exemplo de superação também torna-se Valentina. O autor define seu sorriso como “[...] gato espreguiçado [...]” (p. 8), e isso revela uma criança que não aparenta o sofrimento provocado pela injustiça social existente, e que ainda não provou do veneno chamado racismo, demonstrando que a felicidade pode existir mesmo onde as condições de sobrevivência não são tão adequadas.

Os “[...] óculos espichados [...]” (p. 8) que a princesa usa, também são um objeto que revela outra triste realidade brasileira - os problemas oftalmológicos agravados pela falta de acesso às próteses oftálmicas necessárias e adequadas às características dos usuários.

Quando a criança, ou até mesmo um indivíduo adulto, necessita dos óculos de grau, esse objeto é facilmente relacionado a apelidos depreciativos como: *quatro olhos*, *óculos fundo de garrafa*, entre outros, causando um sentimento de desprezo em quem depende deles para conseguir enxergar melhor. Valentina (VASSALLO, 2007), assim como grande parte dos sujeitos de classe baixa, não têm condições de usar lentes de contato, que são discretas e elegantes, mas que custam caro.

A comparação que o autor faz de seus óculos como “[...] guarda-sóis transparentes [...]” (p. 8) também remete-nos à suavização em demonstrar que além de melhorar a visão da criança, os óculos para Valentina, assim como para qualquer criança, é normal e não cabe essa visão preconceituosa.

A relação que ainda podemos estabelecer entre a luz do sol e a cor da pele de um negro, é que a melanina permite a ele uma resistência maior que o branco quanto à radiação solar. Assim como a pele, os olhos também são mais resistentes ao sol e, por isso, os óculos transparentes compensam o uso dos óculos escuros usados pelos brancos, sendo que estes não permitem enxergar as paisagens como elas são, nas cores que são.

A expressão “[...] longe de tudo [...]” (p. 10), que revela a periferia como um lugar afastado do centro, tal como é na vida real, concretiza a sensação de que é um lugar ruim para morar, trabalhar, viver; porém mesmo quando os “[...] dragões do lugar apavoravam todo mundo e cuspiam fogo e barulho para todos os lados [...]” (p. 10), a união e o amor da família acabam derrubando qualquer apavoramento.

O complexo periférico é altamente abrangente e nele existe uma estrutura social com imensas diferenças internas. A maioria dos seus habitantes são trabalhadores ou desempregados, e uma outra parcela dedica-se às atividades criminosas. A violência, os conflitos entre bandidos e policiais, que rondam a periferia com muito medo e desespero, também tornam-se tema para serem abordados em sala de aula.

Grande parte dos seus moradores é negra, ou quase negra, e para as classes médias mais reacionárias, favela é lugar de marginal, de gente que não presta. Esta mesma gente não tem qualquer cerimônia em explorar o trabalho dos que lá vivem.

A fim de romper com esse pré-conceito de que favela é lugar só de marginalidade, medo e tristeza, Márcio VASSALLO (2007) descreve o “[...] Tudo [...]”

(p. 10), como sendo o centro de uma grande cidade, mas para a princesa, o *Tudo* é a periferia onde ela vive, valorizando suas raízes e passando para o leitor uma imagem positiva desse lugar.

A expressão “[...] o castelo de Valentina tinha brilho que transbordava da sombra [...]” (p. 12), revela o quanto os sentimentos puros da princesa prevalecem sobre todos os problemas encarados pelos moradores de uma favela, mesmo morando em casa com “[...] porta de asa aberta [...]” (p. 12), ou seja, uma casa sem portas.

Para Valentina, não importa o quão humilde seja sua casa, pois os sentimentos que ela despejava sobre seu lar fazia com que tudo a sua volta se tornasse em um reino. E esse era seu lugar, tanto que, para ela, sua cama tinha “[...] cheiro de abraço amarrotado [...]” (p. 12), demonstrando o enorme afeto por cada detalhe, cada cantinho em sua casa.

As janelas da casa tinham “[...] vista para dentro e cortina que abria ideia [...]” (p. 12). Entendemos aí que o ambiente permitia à princesa liberar sua imaginação, pois o quarto não possuía janelas, assim como as alcovas, o que impede a ventilação e permite a presença do mofo.

Mesmo assim, Valentina conseguia ver “[...] um monte de outras paisagens de caber suspiro [...]” (p. 12), e novamente surge a possibilidade de trabalharmos mais uma categoria espacial geográfica com os alunos do ensino fundamental: a paisagem.

A paisagem é tudo aquilo que enxergamos, incluindo também os cheiros, sons, cores e texturas. Conseguimos através dela, experimentar as sensações a partir da descrição, e com isso o sujeito relaciona-se com a paisagem em seu movimento cotidiano do ir e vir, do *subir* e *descer*, onde quer que esteja.

Uma atividade interessante como proposta metodológica para os alunos seria pedir para eles pensarem em um dos trajetos que fazem diariamente até a escola, por exemplo, e desta experiência extraírem o que conseguirem descrever. Vejamos o fluxograma a seguir:

Fluxograma 3 – Descrição de uma paisagem



A seguir sugerimos um quadro em que os escolares possam fazer, simplesmente, os registros de suas percepções de um determinada paisagem, sugerida ou não pelo professor.

Registre aqui sua experiência			
Tipos de cheiros	Tipos de sons	Tipos de cores	Tipos de texturas

Através dessa sugestão de trabalho em sala, estimulamos as crianças a perceberem os cenários geográficos, sentidos e descritos de formas distintas por

cada um. Temos a experiência registrando o encontro de um indivíduo com a fisionomia, levando-o a criar representações de sua superfície como se fosse possível fazer cópias do mundo visto.

A visão que a princesa tem do “[...] lá embaixo [...]”, [...] o tal lugar [...]” (p. 12) que representa o centro do Rio de Janeiro, sugere que Valentina é uma criança que não tem contato com a mídia. Na casa dela, assim como na casa de tantas famílias pobres brasileiras, não tem televisão. O lugar para ela é a periferia. Nenhum outro lugar lhe traz mais conforto, felicidade e orgulho.

De tanto falarem, ela foi conhecer o tal do “[...] Tudo [...]” (p. 14) pessoalmente. Desceu o morro, e com os próprios pés e olhos descobriu o centro da cidade. Como era perigoso Valentina “[...] descer o castelo sozinha [...]” (p. 14), os pais a acompanharam e lá ela descobriu o que a mídia transmite – um mundo consumista embranquecido.

Assim como a princesa percebeu de perto que todas as meninas eram iguais, vestiam-se e falavam da mesma forma, gostavam das mesmas cores e dos mesmos passeios, o mundo em que vivemos revela as mesmas situações.

Valentina (VASSALLO, 2007) não se confunde à extravagância das demais. O livro traz ilustrações notáveis. Suas vestes são feitas com papel reciclado, papel de jornal, plástico, grampos, recortes e fotografias. Observe na figura que segue:



Figura 7 – A princesa Valentina

Fonte: VASSALLO, M. 2007. p. 3.

Valentina (VASSALLO, 2007) não tem título de nobreza, mas é uma princesa porque a fantasia é criada a partir de seu olhar com relação à sua realidade e porque seus pais a tratam como tal, dentro de suas limitações e possibilidades. O encantamento da história não está nos feitiços, magias ou metamorfoses, mas na ilusão criada pelo autor de seus pais preservarem a princesa dos riscos de se viver nas condições que lhes restam por não pertencerem à burguesia do Rio de Janeiro, que na maioria das vezes, é indiferente a essa questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre Geografia, Literatura e Negritude, e as análises feitas através da obra Valentina (VASSALLO, 2007), nos levaram a entender como é possível desenvolver diferentes metodologias de ensino a partir de textos não-convencionais, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais próximo ao cotidiano e mais interessante aos alunos.

Da mesma forma que construímos temas e conceitos geográficos inspirados em uma obra literária, há inúmeras outras possibilidades para se conduzir uma aula voltada à promoção de uma educação intercultural. A nossa proposta, baseada no respeito aos valores do outro, evidenciou, com embasamento teórico, a real necessidade de reposicionamento do negro no espaço. É necessário que pensemos numa educação pautada na auto-reflexão crítica, que representa a resistência e a oposição ao estágio de incertezas e desequilíbrios sociais onde se resalta a desigualdade social.

Constatamos que a Geografia e a Literatura podem considerar a temática negra nas escolas; e, mais do que isso, a Geografia pode utilizar a Literatura Infantil da negritude para trabalhar seus conceitos, a fim de ancorar o processo de enfrentamento do preconceito etno-racial, subjacente à formação da identidade dos sujeitos negros, e como todos nós podemos estar aliados à produção e reprodução de lugares que preze a luta pela desconstrução do racismo e das demais formas de segregações. É importante que desenvolvamos propostas metodológicas que incluam o negro nos currículos escolares, visto que há escassez de obras com personagens negros em evidência.

Mais importante que os métodos de ensino é a escola colocar em prática durante todo o ano letivo atividades que conduzam o respeito às diversidades, o incentivo à integração dos alunos, enfim, que reforcem a importância da manutenção da igualdade em meio às diferenças. As práticas mais comuns das escolas que se envolvem com a diversidade são a igualdade de gênero e a orientação sexual, mas ações propositivas pela igualdade racial, são raríssimas, exceto no dia 20 de Novembro, o chamado Dia da Consciência Negra.

Por isso, colocar-se junto com os negros e lutar pela reabilitação de sua cidadania integral, foi parte dos objetivos que tínhamos ao propor esta monografia. Neste sentido, as propostas metodológicas que desenhamos, estão lado a lado da cultura negra, contra o racismo. Esta foi e é a grande finalidade que nos moveu neste estudo: propor estratégias de ensino de Geografia, que ao mesmo tempo

contribuísse para enfrentar a desigualdade racial, a invisibilidade do negro na nossa sociedade e utilizar outras fontes de saberes para dialogar com a Geografia.

STRATEGY FOR TEACHING GEOGRAPHY OF POETIC BLACKNESS

ABSTRACT

We proposed to build a strategy to teach geography in which it were articulated Children's Literature and Blackness, in such a way that it would generate geographic content for use in the classroom for elementary students. Among the goals that motivated us, we quote first, to make the study of Geography more pleasant, through didactic proposals that show the presence and equality of blacks in our society, and, second, be able to tackle the issues of ethnic prejudice in school and society, from the teaching of Geography based on a work of children's literature. To accomplish our purposes we chose the literary work *Valentina* (VASSALLO, 2007). This work, dedicated to children, gave us the needed elements to make the leap of poetic texts to geographic content. The main result we got was the construction of flowcharts to teach geographical concepts and themes from the poetry of the chosen literary work, plus we can mature the ideas related to the articulation Geography - Literature - Blackness. This result encourage us to continue to address the issue of racial equality and invisibility of black in society.

Keywords: Geography; Children's Literature; Ethnic Equality; Poetic.

ESTRATEGIA PARA LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA POR LA POÉTICA DE LA NEGRITUD

RESUMEN

Nos hemos propuesto construir una estrategia para enseñar geografía en el cual estaban articulados la literatura infantil y la negritud, esto de tal manera como para generar contenido espacial para uso en el aula para los estudiantes de la primera etapa de los estudios primaria. Entre los objetivos que nos han motivado, citamos en primer lugar, la oportunidad de hacer más placentero el estudio de la Geografía, a través de propuestas didácticas que involucran la presencia y la igualdad de los negros en nuestra sociedad y, por segundo, para ser capaz de afrontar los problemas de prejuicios étnicos en la escuela y en la sociedad, desde la en-

señanza de la Geografía desde una obra de literatura infantil. Para lograr nuestros propósitos elegimos el libro *Valentina* (Vassallo, 2007). Esta obra, dedicada a los niños, en munició a nosotros, de los elementos necesarios para hacer la transposición de los textos poéticos a los contenidos geográficos. El principal resultado que obtuvimos fue la construcción de diagramas de flujo para enseñar conceptos y temas geográficos desde la poética de la obras literaria, además de que podemos madurar las ideas relacionadas con conjunto de Geografía – literatura – negritud. Este resultado, animamos a seguir abordar la cuestión de la igualdad racial y la invisibilidad de los negros en la sociedad.

Palabras clave: Geografía; Literatura Infantil y Juvenil; La igualdad étnica; Poética.

REFERÊNCIAS

ANDRE, Maria da Consolação. Psicossociologia e negritude: breve reflexão sobre o “ser negro” no Brasil. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 27, n. 2, dez. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2007000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 set. 2013.

D’ ALMEIDA, Gercilga. **Bruna e a galinha d’Angola**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

Favela. Disponível em: <http://letras.mus.br/exaltasamba-musicas/106702/>. Acesso em: 25 jul. 2013.

KLEIN, Cristina. **Bullying na escola – Chacota das orelhas de abano**. Blumenau: Editora Blu, 2001.

LIMA, Heloísa Pires. **Histórias da Preta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. São Paulo: Ática,1994.

MANDELA, Nelson. **Meus contos africanos**. São Paulo: Martins Fontes, 2009

PINTO, Ziraldo Alves. **O menino marrom**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Milton. Cidadanias mutiladas. In: LERNER, Julio (Ed.). **O preconceito**. São Paulo: IMESP, 1996/1997, p. 133-144.

_____. Ser negro no Brasil hoje. IN: **Jornal Folha de São Paulo – Caderno Mais**, 07, mai. 1997. São Paulo.

VASSALLO, Márcio. *Valentina*. 1 ed. São Paulo: Global, 2007.